



Sumário

Introdução 11

1. A minha história 15

2. O Vale da Grande Fenda 25

3. Em busca da minha origem: a África pré-colonial 31

4. A viagem sem volta 45

5. A longa trajetória para a liberdade 57

6. Séculos XVI e XVII 63

7. Século XVIII 73

8. Século XIX 83

9. Séculos XX e XXI 95

Referências bibliográficas 109

Apêndice – Atividades para os educadores 115



Introdução

Ao longo da história do Brasil, o negro passou por várias fases – desde o período em que foi trazido, escravizado, de vários países do continente africano para cá até os dias atuais. Sua história foi contada por diversos escritores, que retrataram sua contribuição cultural no processo de colonização ou sua participação, de forma submissa, como escravizado que esperava, de maneira muito natural, ser libertado e integrado à sociedade. Outros autores procuraram resgatar apenas as lutas pela liberdade em regiões específicas do país, enfocando as batalhas e as derrotas sofridas durante o processo de escravidão. Há ainda estudiosos mais audaciosos que focalizaram alguns heróis, como Zumbi dos Palmares¹, mártir

.....

1. Zumbi dos Palmares (1655-1695): líder do mais famoso quilombo da história do Brasil, o Quilombo dos Palmares, é considerado um dos principais nomes da resistência negra contra a escravidão. O dia 20 de novembro tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra em sua homenagem, pois nessa data ele foi morto por seus captores.

do processo de resistência contra as autoridades coloniais do século XVII. Todavia, são poucos os autores que têm retratado a história da participação efetiva dos escravizados africanos no processo de formação do povo brasileiro e da real herança cultural que nos deixaram.

Na educação não tem sido diferente. Pouco se fala da inclusão do negro no processo educacional; da exclusão da classe trabalhadora dos meios acadêmicos; do preconceito racial no processo educacional; da invisibilidade do negro nos meios midiáticos, livros didáticos e paradidáticos; enfim, da história da formação do povo brasileiro no processo educacional.

Atualmente, vivemos outro processo histórico, graças ao esforço dos movimentos sociais negros, que há décadas vêm reivindicando a revisão histórica com relação à contribuição negro-africana em todos os aspectos da vida social, cultural, política e econômica na sociedade brasileira. Consequentemente, pesquisadores contemporâneos, grupos de resistência, organizações não governamentais, organismos internacionais e até mesmo o governo federal vêm se empenhando nesse sentido.

Este livro tem por objetivo mostrar – por meio de vivências e práticas relatadas em sala de aula – um pouco do que está sendo feito, na educação, para valorizar a participação do negro em todo o processo histórico e cultural brasileiro.

Nossa experiência profissional diária como professores permite-nos afirmar: a) que há muitos colegas de profissão que desejam concretizar a inserção da “cultura africana” no currículo escolar, naturalizando o emprego desse conteúdo em suas ações cotidianas; b) que muitas crianças, jovens e

adultos necessitam de referências identitárias positivas, essas tantas que a educação pode proporcionar.

O livro está dividido em nove capítulos, que abordarão a história do continente africano, o período de escravização, a vinda para o Brasil de milhões de africanos e o período pós-abolicionismo. A escola onde parte da história se desenrola não é fictícia. Os Centros de Integração de Jovens e Adultos (Ciejas) são uma modalidade de Educação de Jovens e Adultos que funciona em horários diferenciados, a fim de acolher aqueles que pretendem voltar aos bancos escolares. Os Ciejas têm turmas que vão da alfabetização até o 9º ano. Para atender melhor o público e garantir um estudo de qualidade, baseiam-se em módulos e garantem ainda a dupla docência em sala de aula.

No primeiro capítulo, introduziremos um personagem que, ao retornar aos bancos escolares depois de um período afastado dos estudos, começa a fazer descobertas sobre sua origem, conseqüentemente descobrindo uma África que nunca lhe tinha sido mostrada. Nesse capítulo serão citadas cartas baseadas em fatos reais sobre atos de preconceitos e discriminação.

No segundo capítulo, faremos uma viagem aos primórdios da humanidade, abordando seu surgimento. O terceiro capítulo mostrará a África antes do período colonial, ressaltando as riquezas e os costumes de um povo que vivia conforme os ensinamentos de seus antepassados. O quarto capítulo abordará o tráfico negreiro para as Américas. Do quinto ao nono capítulo, percorreremos o caminho dos escravizados até a liberdade conquistada no Brasil, ressaltando os quilombos e os vários personagens marcantes da história que sempre estiveram à frente da luta por um país igualitário.

Ao final, sugerimos aos professores atividades práticas que podem ser realizadas com os alunos, sempre com o objetivo de discutir criticamente a participação do negro e sua importância histórica na sociedade brasileira.

Em todos os capítulos o personagem principal da história fala sobre sua vida e sobre as mudanças ocorridas depois que ele retomou os estudos e conheceu um pouco mais sobre sua verdadeira origem. Nesse contexto, procuramos ressaltar as histórias de resistência e os heróis negros que normalmente não são citados nas escolas. Dessa forma, almejamos contemplar a implementação da Lei n. 10.639/03² e, ao mesmo tempo, reforçar a urgência de ações concretas na educação.

Este livro pretende contribuir para um novo momento na formulação de políticas de combate à discriminação etnorracial na educação. Nesse sentido, surge de um desejo coletivo de compartilhar descobertas, experiências e saberes advindos de uma trajetória de estudo, aprendizado e, também, de muita esperança. Sugerimos que professores e alunos permitam-se mergulhar no mundo da leitura, da imaginação e da criação. Esperamos que, ao emergirem desse mundo, tragam consigo um encantamento oriundo de uma fonte de novidades, curiosidades e riquezas culturais mantidas tão distantes. Convidamos todos a participar dessa aventura.

.....

2. A Lei n. 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino, tendo como conteúdo programático o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

1

A minha história

Vou contar um pouco da minha história. Meu nome é Luiz Benedito Cruz, mas todos me conhecem por Lube. Tenho 24 anos, sou filho único e nasci na cidade de São Paulo. Meu pai se chama Benedito Cruz e nasceu no estado de Alagoas; minha mãe, Maria da Luz Cruz, nasceu no estado de Minas Gerais. Eles se conheceram em 1980, quando minha mãe foi para Alagoas em busca de trabalho. Após o casamento, em meados de 1985, resolveram mudar-se para São Paulo em busca de uma vida melhor. Nesse período ocorreu um grande marco da história do Brasil: o fim da ditadura militar.

São Paulo sempre foi um lugar de oportunidades, e meus pais, assim como outros, saíram de sua terra natal à procura de uma vida melhor e de oportunidades de emprego. A vida aqui nunca foi fácil, pois mesmo morando nessa cidade meus pais nunca tinham conseguido emprego fixo. Passamos por muitas dificuldades. Várias vezes meus pais quiseram voltar para Alagoas, mas, sem dinheiro, o que iam fazer lá? Viver

na casa de parentes e depender dos outros até para comer? Não, isso eles não queriam. Ficamos e lutamos.

Nunca imaginei que minha vida um dia poderia ser diferente daquela que meus pais e muitos outros acreditavam já estar traçada... Na escola, quase não ouvimos falar sobre as nossas origens, a não ser que os africanos vieram para o Brasil como escravizados e que depois de trezentos anos a Princesa Isabel, muito boazinha, os libertou. E eles lá no continente africano, não eram nada? Não tinham família? Não tinham nome e sobrenome? Não trabalhavam? Vieram simplesmente porque eram vendidos?

Essas perguntas não me saíam da cabeça, e em casa meus pais também não diziam nada. Apenas comentavam: “É assim mesmo, filho, deixe pra lá... O que isso importa pra você? Você vai ser sempre preto... Vai fazer alguma diferença saber essa história? Isso vai fazer você ganhar mais, ficar rico ou coisa parecida?” E logo mudavam de assunto.

Eu nunca me conformei com esses argumentos. Por que meus pais nunca se interessaram em saber mais sobre nossa origem? Por que sempre repetiam o mesmo discurso? Nunca gostei de conformismo. Sei que de alguém eu herdei esse traço. Já que não foi dos meus pais, deve ter sido de alguém mais distante!

Enfim, o tempo foi passando e, aos 14 anos, precisei abandonar os estudos para trabalhar. Eu estava na 8ª série³ e faltavam apenas quatro meses para acabar o ano. Tive de parar de estudar para ajudar meus pais, que estavam desempregados. A oportunidade de emprego surgiu por meio

.....

3. Atual 9º ano.

de um amigo do meu pai que era vendedor ambulante. Ele precisava de alguém com urgência, uma vez que tinha conseguido comprar um ponto no farol pertinho da minha casa. Prometeu-me R\$ 20 por dia, mas eu teria de trabalhar das sete da manhã às oito da noite. Ele disse também que eu poderia descansar um pouquinho, desde que não perdesse a hora em que o trânsito parava – que era das cinco da tarde às sete da noite.

Meu pai não pensou duas vezes e combinou tudo com o amigo. Não quis nem saber se eu concordava. No dia seguinte, lá estava eu no farol, vendendo um monte de bugigangas – parecia um bazar misturado com passista de escola de samba. Eu tinha peças de *video game* nos bolsos, carregador de celular pendurado no pescoço, saquinhos de bala nas mãos e uma porção de bonés na cabeça. Não avisei na escola que ia ter de parar por um tempo. No meu íntimo, eu sabia que não ia ser apenas “por um tempo”. Eu estava entrando no mesmo caminho do meu pai, que interrompeu os estudos para trabalhar e nunca mais voltou à escola!

Meu pai me contou que não terminou nem o ensino fundamental porque teve de trabalhar mais cedo do que eu. Ele era ajudante na feira. Tomava conta dos carros e carregava sacolas para as madames. E assim foi levando a vida. Não retomou os estudos, repetindo o mesmo discurso: não tinha tempo, não adiantaria nada voltar a estudar... Os anos foram passando e ele continuou fazendo bicos. E então os bicos acabaram – os responsáveis pelas “contratações” precisavam de pessoas mais novas, com mais disposição e tempo, e eu tive de assumir o papel de “fazedor de bico”.

Mamãe também parou de estudar cedo, na 7ª série⁴, pelos mesmos motivos que meu pai: precisava trabalhar. Passou a cuidar de uma criança e exerceu essa função por vários anos. Depois começou a trabalhar como diarista. Hoje ela tem um problema na coluna e não pode mais passar roupa nem fazer faxina. Tentou voltar aos estudos, mas ficou só na vontade, pois assim que surgia um problema financeiro ela desistia.

Um dia, vendendo minhas mercadorias no farol, encontrei uma professora da escola onde estudava. Fiquei feliz com o fato de ela me chamar pelo nome, mas logo veio a decepção. Ela disse que acionaria o conselho tutelar se eu não voltasse para a escola e foi embora.

Engraçado, eu parei de ir à escola e ninguém nunca mandou recado algum pelos meus amigos, que são vizinhos, para saber se eu estava doente, vivo ou morto. A escola não se importou em momento nenhum comigo e a professora veio falar de conselho tutelar?

A vida na rua não é fácil. As pessoas se escondem, pensam que todos os que trabalham nos faróis querem roubar o relógio, a carteira ou o celular dos motoristas. Estes fecham logo o vidro, e alguns ainda xingam. Mas há também gente boa que ajuda, e às vezes até sai alguma conversa.

Após seis meses como vendedor ambulante ou “pedinte” de farol, resolvi fazer alguma coisa para mudar de vida. Mas como arrumar outro emprego se eu não tinha sequer o ensino fundamental completo? Além do mais, não tinha tempo nem para tentar procurar outro bico.

.....

4. Atual 8º ano.